

XXV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - XXV ENANCIB

GT 2 – Organização e Representação do Conhecimento

A ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO NA LITERATURA FEMININA NEGRA

THE ORGANIZATION OF KNOWLEDGE IN BLACK FEMALE LITERATURE

Eva Dayane Jesus dos Santos – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
(Unesp) Campus de Marília

Deise Maria Antonio Sabbag – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
(Unesp) Campus de Marília

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: este artigo discute como a Organização do Conhecimento está presente na literatura feminina negra da autora Conceição Evaristo. Nosso ponto de partida foi pensar: O que podemos aprender com a literatura feminina negra para a Organização do Conhecimento? Nosso objetivo geral é apresentar como a literatura feminina negra pode contribuir com a OC. Nosso objetivo específico é analisar a OC no conto Ana Davenga, da autora Conceição Evaristo, na obra de ficção Olhos d’água. Justificamos a relevância do tema, pois acreditamos que a literatura além de ser uma forma de linguagem, é também um “lugar de memória”, onde se registra a informação e agrupa conhecimento, ainda que na ficção. Utilizamos como procedimento metodológico as categorias valores civilizatórios da Zoilda Trindade. Como resultados, elencamos e destacamos características de como as mulheres negras têm sido provedoras da OC. Observar como as mulheres negras organizam a informação na sua escrita literária, são possibilidades de repensar também categorias que representem a história e cultura da população negra em espaços educacionais, culturais e informacionais.

Palavras-chave: literatura feminina negra; organização do conhecimento; representação do conhecimento; conto; Conceição Evaristo.

Abstract: this article discusses how Knowledge Organization is present in Black women's literature by author Conceição Evaristo. Our starting point was to consider: What can we learn from Black women's literature for Knowledge Organization? Our general objective is to present how Black women's literature can contribute to Knowledge Organization. Our specific objective is to analyze Knowledge Organization in the short story "Ana Davenga" by author Conceição Evaristo, in the fictional work "Eyes of Water." We justify the relevance of the topic because we believe that literature, besides being a form of language, is also a "place of memory," where information is recorded and knowledge is grouped, even in fiction. We used Zoilda Trindade's categories of civilizing values as a methodological procedure. As a result, we listed and highlighted characteristics of how Black women have been providers of Knowledge Organization. Observing how Black women organize information in their literary writing also offers opportunities to rethink categories that represent the history and culture of the Black population in educational, cultural, and informational spaces.

Keywords: black women's literature; Knowledge Organization; knowledge Representation; tale; Conceição Evaristo.

1 INTRODUÇÃO

Quando se discute sobre a literatura feminina negra, percebe-se que ela tem um papel fundamental na construção de narrativas que representam a construção da história, da cultura e principalmente da identidade da população negra no Brasil. Para compreender como é importante a literatura feminina negra enquanto Organização do Conhecimento (OC) da população negra e como ela pode contribuir para o desenvolvimento de novas técnicas para representar a informação, seja por meio de suas formas apresentadas (oralidades ou escrita) e/ou gêneros literários é necessário que se entenda como historicamente foi a trajetória da negritude no Brasil, por meio das narrativas negras.

A escravidão forçada dos povos negros em terras brasileiras, foi uma ação violenta e histórica que perdurou por mais de trezentos anos, onde a população negra e seus descendentes foram submetidos a diversos tipos de exploração (trabalho, sexual, reprodutivo, afetivo, intelectual, artístico, científico, epistemológico etc.), opressão e principalmente segregação, cujos impactos ainda reverberam até os dias atuais, seja pela necropolítica estatal ou pela privação de direitos.

Para apropriação de tal realidade, basta observar quem mora em grande escala nas favelas, guetos e periferias nas grandes, médias ou pequenas cidades; quem ocupa os hospitais públicos e psiquiátricos e em que condições; quem morre por doenças como hipertensão arterial, diabetes, anemia falciforme; quem perde a vida para o tráfico [estando envolvido ou não]; quem ocupa os presídios; quem passa fome ou fica sem ir para a escola; quem mais sofre com as mudanças climáticas; com a ausência de acesso a água e outros bens básicos; com a violência policial e institucionais.

A respeito da OC, registrada pelas mulheres negras na literatura, questionamos: O que podemos aprender com a literatura feminina negra para a Organização do Conhecimento? Nosso objetivo geral é apresentar como a literatura feminina negra pode contribuir com a OC. Nosso objetivo específico é analisar a OC no conto Ana Davenga, da autora Conceição Evaristo, na obra de ficção Olhos d'água. Justificamos a relevância do tema, pois acreditamos que a literatura além de ser uma forma de linguagem, é também um "lugar de memória", onde se registra a informação e agrupa conhecimento, ainda que na ficção. Além disso, ambas as autoras deste artigo são mulheres leitoras assíduas e uma delas é negra e produz literatura negra. Para este estudo, tomamos como ponto de partida para análise da literatura feminina negra um conto da autora Conceição Evaristo.

Este artigo está estruturado nas seguintes seções: A Organização do Conhecimento; A literatura feminina negra; Procedimentos metodológicos; A Organização do Conhecimento na Literatura feminina negra: análise e resultados; e Considerações possíveis.

2 A ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

O que é a Organização do conhecimento? Tomamos como base para este trabalho as reflexões de Hjørland (2022). O autor nos provoca e convoca a pensar a OC de maneira abrangente e que considere as dimensões que se referem a: divisão social do trabalho (por exemplo, em disciplinas); Instituições sociais (por exemplo, em universidades); Linguagens e sistemas simbólicos; Sistemas e teorias conceituais e Literaturas e gêneros. Pensar dessa maneira é ampliar as possibilidades de compreensão da OC. O autor reconhece que a Library and Information Science (LIS) ou a Ciência da Informação (CI) falharam ao ignorar o significado mais amplo da OC, ou sobre quaisquer outras teorias.

É possível ampliar a compreensão sobre OC? Hjørland (2022) aponta que sim no artigo “Fundamentos da Organização do Conhecimento”. Se na LIS, a OC significa, especialmente, a organização da informação em registros bibliográficos, incluindo índices de citações, registros de texto completo e a Internet; ou seja, a OC é sobre a melhor maneira de construir os registros bibliográficos, bem como a maneira ideal de utilizar determinados registros, é necessário expandir esse conceito. “Qualquer tentativa de desenvolver princípios frutíferos para OC em LIS deve ser baseada em teorias mais amplas de OC.” (Hjørland, 2022, p. 40).

Devemos ter consciência que os principais atores e produtores de conhecimento são pessoas, e elas interagem com outras pessoas dentro de sistemas sociais. Cada pessoa carrega consigo todas as crenças, visões, conceitos e linguagens adquiridas durante o percurso de cada uma e principalmente por meio da socialização dentro de suas comunidades. Logo, se ao se considerar que no campo da CI, autores, usuários e intermediários se comunicam e interagem com registros bibliográficos, indagamos: Os sujeitos e as sujeitas negras tiveram tais privilégios?

Respondemos a esta pergunta, ao realizar o percurso crítico reflexivo quando, historicamente sabemos que o povo negro brasileiro não teve tal privilégio e podemos observar com maior exatidão, por exemplo, no ciclo de circulação do livro (da produção a circulação), do qual tardiamente autoras negras e autores negros conseguiram ou conseguem ainda na contemporaneidade publicar livros e fazê-los chegar aos leitores. No Brasil, a autora

Sabbag (2008), desenvolveu um estudo sobre organização da informação tendo como escopo de pesquisa o gênero literário conto. O tema foi “O percurso gerativo de sentido aplicado à análise documental de textos narrativos de ficção: perspectivas de utilização em bibliotecas universitárias”. A autora analisou o conto baseada no percurso gerativo de sentidos da Semântica Discursiva (figurativos e temáticos), para compreensão e extração do tema em obras de ficção para fins de recuperação da informação.

No referido estudo a pesquisadora pressupunha que não existia ferramentas de análise de assunto adequadas para a análise de obras de ficção devido à ausência de procedimentos metodológicos que contribuíssem efetivamente para o tratamento desse tipo de documento para o estabelecimento do tema. Concordamos com o posicionamento da autora, quando percebemos, enquanto leitoras de obras literárias produzidas por mulheres negras, como são as representações, por exemplo, em sistemas de informação. Na posição de simples leitoras, podemos notar o quanto são divergentes os descritores utilizados por bibliotecas na atualidade, das informações que são produzidas nas obras literárias escritas na literatura feminina negra. Na posição de bibliotecárias reconhecemos o quanto precisamos rever práticas profissionais que possibilitem a OC de maneira mais diversa.

Hjørland (2022) compreende que os principais atores em CI são os produtores de conhecimento, tais como os autores, os usuários e os intermediários. Cada um desses atores traz consigo pré-entendimentos, visões, conceitos e linguagens adquiridas durante a vida em comunidades. Para uma eficiente interação entre eles depende que pré-entendimentos, conceitos e linguagens sejam aplicados não apenas à "correspondência" de conceitos, mas especialmente à sua capacidade de apoiar as tarefas dos usuários. Uma teoria elaborada dessa forma mais ampla de OC é essencial para construir sistemas eficientes para OC em LIS.

No entanto, é possível e preciso que a OC se ocupe com: Conceitos; Critérios para inclusão de classe; Significado; Indexação; Relações semânticas; Assuntos; Pontos de acesso do assunto (“SAPs”) e assim por diante (Hjørland, 2022).

3 A LITERATURA FEMININA NEGRA

A literatura produzida pelas mulheres negras tem sido tema de estudos e pesquisas para muitas pesquisadoras negras em todas as áreas do conhecimento. Para o exercício metodológico de compreender a literatura feminina negra produzida por Conceição Evaristo,

nos apropriamos e utilizamos a ideia de dois conceitos importantes: **escrevivência**, cunhado por Evaristo e **Literatura Abèbè**¹, da escritora e pesquisadora Hildália Fernandes.

O conceito de **escrevivência** emerge para Evaristo (2020) como uma forma de se posicionar no mundo, de entender as coisas. Nos dizeres da autora:

Por não ter nada, a escrita me surge como necessidade de ter alguma coisa, algum bem. E surge da minha experiência pessoal. Surge na investigação do entorno, sem ter resposta alguma. Da investigação de vidas muito próximas à minha. Escrevivência nunca foi uma mera ação contemplativa, mas um profundo incômodo com o estado das coisas. É uma escrita que tem, sim, a observação e a absorção da vida, da existência. (Evaristo, 2020, p. 34, grifo nosso)

Logo, a escrita produzida por mulheres negras, sem desejar rotulá-las como nos alerta Anzaldúa (2000), ou seja, a **escrevivência** de mulher negra é uma forma de compreender o mundo, além de ser investigação com a intenção ou não de comunicar ao leitor o incômodo sobre as estruturas sociais que violentam secularmente esses corpos negros, no território chamado Brasil.

O que escrever, como escrever, para que e para quem escrever? Escrevivência, antes de qualquer domínio, é interrogação. **É uma busca por se inserir no mundo com as nossas histórias, com as nossas vidas, que o mundo desconsidera. Escrevivência não está para a abstração do mundo, e sim para a existência, para o mundo-vida.** [...] “O que levaria determinadas mulheres, nascidas e criadas em ambientes não letrados, e, quando muito, semialfabetizados, a romperem com a passividade da leitura e buscarem o movimento da escrita”? [...] **Talvez essas mulheres (como eu) tenham percebido que se o ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção da vida. Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua autoinscrição no interior do mundo.** (Evaristo, 2020, p. 34, grifo nosso).

A autora Evaristo complementa o conceito da **escrevivência** como forma de elaborar o mundo a partir de sua corporeidade e subjetividades negras, que a estrutura do racismo lhes provoca na vida, nos lugares que ocupa com os seus. Além disso, ressalta os valores negro referenciados, marcadores dessa cultura que são passados de geração a geração, e possuem códigos que a comunidade negra compreende (energia vital, oralidade, circularidade, corporeidade, ludicidade, Cooperatividade, ancestralidade, religiosidade, linhagem, musicalidade, afetividade, comunitarismo e memória) Trindade (2006)². Utilizaremos na análise dos dados esses valores para identificação no texto dessas marcações da autora Evaristo (2018).

¹ *Abèbè* significa espelho na linguagem *Yorubá*.

² Devido a quantidade reduzida de folhas para publicação desse trabalho, sugerimos que o leitor consulte o material produzido pela Zoilda Trindade, para o aprofundamento e conhecimento de cada valor civilizatório.

Para Hildália Fernandes a literatura produzida pelas mulheres negras é uma **Literatura Abèbè**, ou seja, “a literatura produzida pelas mulheres negras diaspóricas, tem apontado caminhos de combate, sinalizando rotas de fuga, gíngas infindáveis e volta ao mundo.” (Cordeiro, 2023, p. 65). Além disso,

Uma literatura que **se funda**, sobretudo, **em referências ancestrais** e configura-se como da ordem iniciático, uma vez que se entende que **conhecer essa produção literária auxilia**, sobremaneira, em **processos de/para autoconhecimento**, no mais das vezes permeados por etapas que vão desde **autoaceitação, autorrepugnância, autosabotagem**, podendo desaguar também em **autoaceitação, autorevelação, autocuidado, autoamor, autocura** e, por que não, **autorrealização**. (Cordeiro, 2023, p. 65, grifo nosso).

Ou seja, a literatura escrita por mulheres negras busca se fundamentar em referências “de quem veio antes”, o que nomeamos como ancestralidade. Acessar a produção literária dessas mulheres poderá ajudar outras mulheres negras, sobretudo, mas não só a elas, a entender a si e ao outro, e também as estruturas sociais ao qual estão inseridas. Além disso, tem também a função de contribuir na auto-recuperação das mulheres negras sobre os traumas causados pela estrutura perversa e violenta do racismo no Estado brasileiro, que mata todos os dias seus filhos, maridos, outros parentes e outras pessoas de seu entorno afetivo dessas mulheres; bem como violentam e matam também mulheres negras (seja no feminicídio ou em hospitais, presídios, entre outros espaços sociais).

Logo, acessar a escrita de mulheres negras significa compreender que essas mulheres, por muito tempo, quando nada mais lhe restavam, adotaram como estratégia de sobrevivência, o próprio corpo como local de guarda e registro da história e cultura do povo negro. Foram nesses corpos que se acumularam conhecimentos diversos, desde medicina a epistemologias diversas. “A corporalidade de mulher negra que é, fundamentalmente, memória armazenada e difundida.” (Cordeiro, 2023, p. 66).

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia escolhida para este artigo é de abordagem qualitativa, exploratória. Adotamos como método a análise descritiva, por nos possibilitar observar, registrar, analisar e correlacionar os dados. Escolhemos para este artigo o gênero literário conto. Após a escolha do gênero, selecionamos a autora da literatura feminina negra, Conceição Evaristo. São inúmeras as motivações que justificam a escolha da autora, das quais elencamos algumas:

Evaristo³ é uma autora conhecida nacionalmente e internacionalmente com publicações traduzidas na Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos e Cuba; participa de inúmeras feiras, festas e festivais literários; Evaristo é uma autora ativa dos movimentos de valorização da cultura negra em nosso país; tem contos e poemas publicados na série Cadernos Negros, que é um importante meio de comunicação das escritoras negras; suas obras vêm sendo estudadas em universidades brasileiras e do exterior, tendo, inclusive, sido objeto inúmeras teses, dissertações, TCCs, artigos; teve a obra Ponciá Vicêncio incluída nas listas de diversos vestibulares de universidades brasileiras; Em 2014, o livro Olhos D'água, foi finalista do Prêmio Jabuti na categoria "Contos e Crônicas"; Em 2017, o Itaú Cultural de São Paulo realizou a Ocupação Conceição Evaristo contemplando aspectos da vida e da literatura da escritora; em 2018, a escritora recebeu o Prêmio de Literatura do Governo de Minas Gerais pelo conjunto de sua obra; em 2023 foi agraciada com o Prêmio Intelectual do Ano, Concedido pela União Brasileira de Escritores - UBE; em 8 de março de 2024, tomou posse como integrante da Academia Mineira de Letras, ocupando a cadeira de número 40 e assumiu a titularidade da Cátedra Olavo Setubal de Arte, Cultura e Ciência do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA-USP). Em seguida escolhemos o livro Olhos D'água, que foi finalista do Prêmio Jabuti na categoria "Contos e Crônicas", em 2014. Posteriormente escolhemos um dos quinze contos da obra Olhos d'água para a análise neste trabalho.

A escolha do conto foi por perceber a possibilidade de análise e contribuição para a OC, para além da denúncia, além de ser um dos favoritos de uma das autoras. Após escolha do conto, fizemos a revisão bibliográfica.

5 A ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO NA LITERATURA FEMININA NEGRA: ANÁLISE E RESULTADOS

Analizamos nesta seção o conto Ana Davenga, conto extraído do livro Olhos d'água da escritora Conceição Evaristo. Destacamos no texto, marcado em negrito, as passagens que caracterizam a escrita literária feminina negra. Tomamos como base para nos nortear, os valores civilizatórios organizados por Trindade (2006). Organizamos o conto, os valores civilizatórios e outras observações no quadro 1. Alguns trechos apresentaram mais de um valor. Notamos nas passagens em destaque, a **escrevivência** explanada pela autora Evaristo e

³ Elencamos os principais destaques de Evaristo baseada nas informações do site Literafro. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

a **Literatura Abèbè** da Fernandes, além de outras categorias tais como: denúncia, racismo, branquitude⁴ e privilégio branco⁵.

Quadro 1 – Conto Ana Davenga

Nº	Texto	Valor civilizatório	Outras observações
01	As batidas na porta ecoaram como um prenúncio de samba. O coração de Ana	Musicalidade	
02	Davenga naquela quase meia-noite , tão aflito, apaziguou um pouco. Tudo era paz	Circularidade	
03	então, uma relativa paz. Deu um salto da cama e abriu a porta. Todos entraram,	Religiosidade	
04	menos o seu. Os homens cercaram Ana Davenga. As mulheres, ouvindo o	Corporeidade	
05	movimento vindo do barraco de Ana, foram também. De repente, naquele		
06	minúsculo espaço coube o mundo. Ana Davenga reconheceria a batida. Ela não	Musicalidade	
07	havia confundido a senha. O toque prenúncio de samba ou de macumba	Religiosidade	
08	estava a dizer que tudo estava bem. Tudo em paz, na medida do possível. Um	Musicalidade	
09	toque diferente, de batidas apressadas dizia de algo mau, ruim, danoso no ar.	Corporeidade	
10	O toque que ela ouvira antes não denunciava desgraça alguma. Se era assim,		
11	onde andava o seu, já que os das outras estavam ali? Por onde andava o seu		
12	homem? Por que Davenga não estava ali? Davenga não estava ali. Os homens	Humanidade Afetividade	
13	rodearam Ana com cuidado, e as mulheres também. Era preciso cuidado. Davenga	Afetividade	
14	era bom. Tinha um coração de Deus, mas, invocado, era o próprio diabo. Todos		
15	havam aprendido a olhar Ana Davenga. Olhavam a mulher buscando não	Corporalidade	
16	perceber a vida e as delícias que explodiam por todo o seu corpo. O barraco	Corporalidade Afetividade	
17	de Davenga era uma espécie de quartel-general, e ele era o chefe. Ali se decidia		
18	tudo. No princípio, os companheiros de Davenga olharam Ana com ciúme, cobiça	Corporeidade	
19	e desconfiança. O homem morava sozinho. Ali armava e confabulava com os		
20	outros todas as proezas. E de repente, sem consultar os companheiros, mete ali		
21	dentro uma mulher. Pensaram em escolher outro chefe e outro local para quartel-		
22	general, mas não tiveram coragem. Depois de certo tempo, Davenga comunicou		
23	a todos que aquela mulher ficaria com ele e nada mudaria. Ela era cega, surda		
24	e muda no que se referia a assuntos deles. Ele, entretanto, queria dizer mais uma	Corporalidade	
25	coisa: qualquer um que bulisse com ela haveria de morrer sangrando nas mãos		
26	dele feito porco capado. Os amigos entenderam. E quando o desejo a florava ao		
27	vislumbrar os peitos-maçãs salientes da mulher, algo como uma dor profunda	Corporalidade Energia vital	
28	doía nas partes de baixo deles. O desejo abaixava então, esvanecendo, diluindo		
29	a possibilidade de ereção do prazer. E Ana passou a ser quase uma irmã que		
30	povoava os sonhos incestuosos dos homens comparsas dos delitos e dos crimes de		
31	Davenga. O peito de Ana Davenga doía de temor. Todos estavam ali, menos o	Afetividade Corporalidade	
32	dela. Os homens rodeavam Ana. E as mulheres, como se estivessem formando		
33	uma dança, rodeavam seus companheiros, parando atrás de seu homem certo. Ana		
34	olhou todos e não percebeu tristeza alguma. O que seria aquilo? Estariam		
35	guardando uma dor profunda e apenas mascarando o sofrimento para que ela não		
36	sofresse? Seria alguma brincadeira de Davenga? Ele estaria escondido por ali?		
37	Não! Davenga não era homem de tais modos! Ele até brincava; porém, só com os		
38	companheiros. Assim mesmo de uma brincadeira bruta. Socos, pontapés, safanões,		
39	tapas, “seus filhos da puta”... Mais parecia briga. Onde estava Davenga? Teria se	Afetividade	
40	metido em alguma confusão? Sim, seu homem só tinha tamanho. No mais era		

⁴ Sugerimos a leitura da pesquisadora Maria Aparecida Bento ou Cida Bento, como é conhecida.

⁵ Sugerimos a leitura da pesquisadora Maria Aparecida Bento.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

41	criança em tudo. Fazia coisas que ela nem gostava de pensar. Às vezes, ficava dias e		
42	dias, meses até, foragido, e quando ela menos esperava dava com ele dentro de		
43	casa. Pois é, Davenga parecia ter mesmo o poder de se tornar invisível. Um pouco		
44	que ela saía para buscar roupas no varal ou falar um tantinho com as amigas,		
45	quando voltava dava com ele, deitado na cama. Nuzinho. Bonito o Davenga	Afetividade	
46	vestido com a pele que Deus lhe deu. Uma pele negra, esticada, lisinha, brilhosa.	Corporalidade	
47	Ela mal fechava a porta e se abria todinha para o seu homem. Davenga! Davenga!		
48	E aí acontecia o que ela não entendia. Davenga que era tão grande, tão forte, mas		
49	tão menino, tinha o prazer banhado em lágrimas. Chorava feito criança. Soluçava,		
50	umedecia ela toda. Seu rosto, seu corpo ficavam úmidos das lágrimas de Davenga.		
51	E todas as vezes que ela via aquele homem no gozo-pranto , sentia uma dor	Corporalidade Afetividade Energia vital	
52	intensa. Era como se Davenga estivesse sofrendo mesmo, e fosse ela a culpada.		
53	Depois, então, os dois, ainda de corpos nus, ficavam ali. Ela enxugando as lágrimas		
54	dele. Era tudo tão doce, tão gozo, tão dor! Um dia pensou em se negar para não		
55	ver Davenga chorando tanto. Mas ele pedia, caçava, buscava. Não restava nada a		
56	fazer, a não ser enxugar o gozo-pranto de seu homem. Todos continuavam parados		
57	olhando Ana Davenga. Ela recordou que uns tempos atrás nenhum deles era		
58	amigo. Eram inimigos, quase. Eles detestavam Ana. Ela não os amava nem os		
59	odiava. Ela não sabia onde eles estavam na vida de Davenga. E, quando percebeu,	Cooperatividade Afetividade, Comunitarismo	
60	viu que não poderia ter por eles indiferença. Teria de amá-los ou odiá-los. Optou		
61	por amá-los, então. Foi difícil. Eles não a queriam. Não era do agrado de nenhum		
62	deles aquela mulher dentro do quartel-general do chefe, sabendo de todos os		
63	segredos. Achavam que Davenga iria se dar mal e comprometer todo o grupo. Mas		
64	Davenga estava mesmo apaixonado pela mulher. Quando Davenga conheceu Ana	Circularidade Musicalidade	
65	em uma roda de samba , ela estava ali, faceira, dançando macio. Davenga gostou		
66	dos movimentos do corpo da mulher. Ela fazia um movimento bonito e ligeiro de		
67	bunda. Estava tão distraída na dança que nem percebeu Davenga olhando		
68	insistentemente para ela. Naqueles dias, ele andava com temor no peito. Era	Religiosidade	
69	preciso cuidado. Os homens estavam atrás dele. Tinha havido um assalto a	Denúncia (Racismo institucional Necropolítica estatal)	
70	um banco e o caixa descrevera alguém parecido com ele. A polícia já tinha subido		
71	o morro e entrado em seu barraco várias vezes. O pior é que ele não estava		Denúncia (Racismo institucional Necropolítica estatal)
72	metido naquela merda. Seria burro de assaltar um banco ali mesmo no bairro,		
73	tão perto dele? Fazia os seus serviços mais longe, e além do mais não gostava de		
74	assaltos a bancos. Já até participara de alguns, mas achava o servicinho sem graça.		
75	Não dava tempo de ver as feições das vítimas. O que ele gostava mesmo era de		
76	ver o medo, o temor, o pavor nas feições e modos pessoas. Quanto mais forte o		
77	sujeito, melhor. Adorava ver os chefões, os mandachuvos se cagando de medo,		Branquitude
78	feito aquele deputado que ele assaltou um dia. Foi a maior comédia. Ficou na		
79	ronda perto da casa do homem. Quando ele chegou e saltou do carro, Davenga		
80	se aproximou.		
81	— Pois é, doutor, a vida não tá fácil! Ainda bem que tem homem lá em cima como		
82	o senhor defendendo a gente, os pobres. — Era mentira. — Doutor, eu votei no		
83	senhor. — Era mentira também. — E não me arrependi. Veio visitar a família? Eu		
84	também tou indo ver a minha e quero levar uns presentinhos. Quero chegar bem-		

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

85	vestido, como o senhor.		Branquitude/ privilégio branco
86	O homem não deu trabalho algum. Pressentiu a arma que Davenga nem tinha		
87	sacado ainda. E, quando isto aconteceu, o próprio deputado já tinha adiantado o		
88	serviço entregando tudo. Davenga olhou a rua. Tudo ermo, tudo escuro.		
89	Madrugada e frio. Mandou que o homem abrisse o carro e pediu as chaves. O		
90	deputado tremia, as chaves tilintavam em suas mãos. Davenga mordeu o lábio,		
91	contendo o riso. Olhou o político bem no fundo dos olhos, mandou então que ele		
92	tirasse a roupa e foi recolhendo tudo.		
93	— Não, doutor, a cueca não! Sua cueca não! Sei lá se o senhor tem alguma doença		
94	ou se tá com o cu sujo!		
95	Quando arrecadou tudo, empurrou o homem para dentro do carro. Olhou para ele		
96	e balançou as chaves. Deu um adeus ao deputado, que correspondeu ao gesto.		
97	Davenga tinha o peito explodindo em gargalhadas, mas conteve o riso. Apertou o		
98	passo, tinha de abreviar. Eram três e quinze da madrugada. Daí a pouco, passaria		
99	por ali uma patrulhinha. Dias atrás ele havia estudado o ambiente.		
100	Foi por aqueles dias do assalto ao deputado que Davenga conheceu Ana. A venda A		
101	do relógio lhe havia rendido algum dinheiro, fora o que estava na carteira. E de		
102	cabeça leve resolveu ir com os amigos para o samba. Sabia, porém, que devia ficar		
103	atento. Estava atento, sim. Estava atento aos movimentos e à dança da mulher.	Circularidade Musicalidade	
104	Ela lhe lembrava uma bailarina nua, tal qual a que ele vira um dia no filme da		
105	televisão. A bailarina dançava livre, solta, na festa de uma aldeia africana. Só	Circularidade Musicalidade	
106	quando a bateria parou foi que Ana também parou e se encaminhou com as outras		
107	para o banheiro. Davenga assistia a tudo. Na volta ela passou por ele, olhou-o e		
108	deu-lhe um largo sorriso. Ele criou coragem. Era preciso coragem para chegar a		
109	uma mulher. Mais coragem até do que para fazer um serviço. Aproximou-se e		
110	convidou-a para lá uma cerveja. Ela agradeceu. Estava com sede, queria água e	Religiosidade	
111	deu-lhe um sorriso mais profundo ainda. Davenga se emocionou. Lembrou da		
112	mãe, das irmãs, das tias, das primas e até da avó, a velha Isolina. Daquelas	Ancentralidade	
113	mulheres todas que ele não via fazia muitos anos, desde que começara a varar o	Humanidade	
114	114 mundo. Seria tão bom se aquela mulher quisesse ficar com ele, morar com ele,	Humanidade	
115	ser dele na vida dele. Mas como? Ele queria uma mulher, uma só. Estava cansado		
116	de não ter pouso certo. E a mulher que lhe lembrava a bailarina nua havia mexido		
117	com ele, com alguma coisa dentro dele. Ela lhe trouxera saudade de um tempo		
118	paz, um tempo criança, um tempo Minas. Ia tentar, ia tentar... Ana, a bailarina de		
119	suas lembranças, bebeu água enquanto Davenga enamorado tomava a cerveja,	Religiosidade	
120	sem sentir o gosto do líquido. Quando terminou, pegou na mão da mulher e saiu.		
121	Os amigos de Davenga viram quando ele, descuidado de qualquer perigo,	Religiosidade/ Circularidade	
122	122 atravessou o terreiro da roda de samba e caminhou feito namorado puxando a	Circularidade Musicalidade	
123	mulher pela mão, ganhando o espaço lá fora, quase esquecido do perigo. Desde		
124	aquele dia, Ana ficou para sempre no barraco e na vida de Davenga. Não perguntou		
125	de que o homem vivia. Ele trazia sempre dinheiro e coisas. Nos tempos em que		
126	126 ficava fora de casa, eram os companheiros dele que, através das mulheres, lhe	Cooperatividade Afetividade, Comunitarismo	
127	traziam o sustento. Ela não estranhava nada. Muitas vezes, Davenga mandava que		
128	ela fosse entregar dinheiro ou coisas para as mulheres dos amigos dele. Elas	Cooperatividade Afetividade, Comunitarismo	
129	recebiam as encomendas e mandavam perguntar quando e se seus homens		
130	voltariam. Davenga às vezes falava do regresso, às vezes, não. Ana sabia bem qual		
131	era a atividade de seu homem. Sabia dos riscos que corria ao lado dele. Mas		

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

132	achava também que qualquer vida era um risco e o risco maior era o de não		Denúncia (Racismo Necropolítica estatal)
133	tentar viver. E naquela noite primeira, no barraco de Davenga, depois de tudo,		
134	quando calmos e ele já de olhos enxutos, — ele havia chorado copiosamente no	Religiosidade Corporalidade	
135	gozo-pranto —puderam conversar, Ana resolveu adotar o nome dele. Resolveu	Energia vital	
136	então que a partir daquele momento se chamaria Davenga. Ela queria a marca do	Corporalidade Afetividade	
137	homem dela no seu corpo e no seu nome. Davenga gostara de Ana desde o		
138	primeiro momento até o sempre. Dera seu nome para Ana e se dera também. Fora		
139	com ela que descobrira e começara a pensar no porquê de sua vida. Fora com ela		
140	que começara a pensar nas outras mulheres que tivera antes. E uma lhe trazia um	Humanidade Afetividade	
141	gosto de remorso. Ele havia mandado matar Maria Agonia. Conhecera a mulher		
142	ao visitar um companheiro na cadeia. O amigo armara uma e não se dera bem. A		Denúncia (Racismo institucional Necropolítica estatal)
143	prisão devia ser horrível. Só em pensar tinha medo e desespero. Se um dia caísse		
144	preso e não conseguisse fugir, se mataria. E foi nessa única visita ao amigo que	Resistência	
145	conheceu Maria Agonia. Ela vivia dizendo da agonia de uma vida sem o olhar do		
146	Senhor.Na aquele dia, quando saíram da cadeia, ela veio conversando com Davenga.		
147	Era bonita, usava uma roupa abaixo do joelho, cabelo amarrado para trás. Uma voz		
148	calma acompanhada de gestos tranquilos. Davenga estava gostando de ouvir as		
149	palavras de Maria Agonia. Marcaram um encontro para o domingo seguinte na		
150	praça. Quando ele chegou, o pastor falava, e Maria Agonia estava com a Bíblia		
151	aberta na a mão. Davenga observava os modos contritos da mulher. Ela, ao		
152	levantar os olhos e perceber o olhar dele, piedosamente abaixou a cabeça e		
153	voltou ao livro. Ele saiu e se encaminhou para o botequim em frente. Ao acabar a		
154	pregação, ela saiu do meio dos outros, passou por ele e fez um sinal. Ele foi atrás.		
155	Assim que todos se dispersaram, ela falou do desejo de estar com ele. Queria ir		
156	para algum lugar, sozinhos. Foram e se amaram muito. Ele chorou como sempre.	Religiosidade	
157	Esses encontros aconteceram muitas e muitas vezes. Primeiro a praça, a pregação,		
158	a crença. Depois tudo no silêncio, na moita, tudo escondidinho. Um dia ele se		
159	encheu. Propôs que ela subisse o morro e ficasse com ele. Corresse com ele todos		
160	os perigos. Deixasse Bíblia, deixasse tudo. Maria Agonia reagiu. Vê só se ela, crente,		
161	filha de pastor, instruída, iria deixar tudo e morar com um marginal, com um		
162	bandido? Davenga se revoltou. Ah! Então era isso? Só prazer? Só o gostoso? Só		
163	aquilo na cama? Saiu dali era novamente a Bíblia? Mandou que a mulher se		
164	vestisse. Ela ainda se negou. Estava querendo mais. Estava precisando do prazer		
165	que ele, só ele, era capaz de dar. Saíram juntos do motel; a certa altura, como		
166	sempre, ele desceu do carro e caminhou sozinho. Não havia de ser nada. Tinha		
167	alguém que fazia o serviço para ele. Dias depois, a seguinte manchete aparecia nos		
168	jornais: “Filha de pastor apareceu nua e toda perfurada de balas. Tinha ao lado do		
169	corpo uma Bíblia. A moça cultivava o hábito de visitar os presídios para levar a		
170	palavra de Deus”. Por mais que Ana Davenga se esforçasse, não conseguia atinar		
171	com o porquê da ausência de seu homem. Todos estavam ali. Isso significava que,		
172	onde quer que Davenga estivesse naquele momento, ele estava só. E não era	Cooperatividade Afetividade, Comunitarismo	
173	comum, em tempos de guerra como aqueles, eles andarem sozinhos. Davenga		
174	devia estar em perigo, em maus lençóis. As histórias e os feitos de Davenga		
175	vieram quentes e vivos em sua mente. Dentre eles, um em que havia uma		
176	semelhante sua, morta. Nem no dia em que Davenga, de cabeça baixa, lhe contara		
177	o crime, ela tivera medo do homem. Buscou as feições de suas semelhantes, ali		

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

178	presentes. Encontrou calma. Seria porque os homens delas estavam ali? Não, não		
179	era. A ausência de um deles significava sempre perigo para todos. Por que	Cooperatividade Afetividade, Comunitarismo	
180	estavam tão calmas, tão alheias assim? Novas batidas ecoaram na porta e já eram		
181	prelúdios de samba. Era samba mesmo. Ana Davenga quis romper o círculo em	Circularidade	
181	volta dela e se encaminhar para abrir a porta. Os homens fecharam a roda mais	Musicalidade	
182	ainda e as mulheres em volta deles começaram a balançar o corpo.	Corporalidade Religiosidade	
183	Cadê Davenga, cadê Davenga, meu Deus?		
184	O que seria aquilo? Era uma festa! Distinguiu vozes pequenas e havia as crianças.	Ludicidade Oralidades	
185	Ana Davenga alisou a barriga. Lá dentro estava a sua, bem pequena, bem sonho		
186	ainda. As crianças, havia umas que de longe ou às vezes de perto, acompanhavam		
187	as façanhas dos pais. Algumas seguiam pelas mesmas trilhas. Outras, quem sabe,		
188	traçariam caminhos diferentes. E o filho dela com Davenga, que caminho faria? Ah,		
189	isto pertence ao futuro. Só que o futuro ali chegava rápido. O tempo de crescer era		
190	breve. O de matar ou morrer chegava breve, também. E o filho dela e de Davenga?		
191	Cadê Davenga, meu Deus? Davenga entra furando o círculo. Alegre, zambeiro,	Circularidade Musicalidade Oralidades	
192	cabeça-sonho, nuvens. Abraça a mulher. No abraço, além do corpo de Davenga,		
193	ela sentiu a pressão da arma.		
194	— Davenga, Davenga, que festa é esta? Por que isto tudo?		
195	— Mulher, tá pancada? Parece que bebe? Esqueceu da vida? Esqueceu de você?		
196	Não, Ana Davenga não havia esquecido, mas também não sabia por que lembrar.		
197	Era a primeira vez na vida, uma festa de aniversário. O barraco de Ana Davenga,		
198	como o seu coração, guardava gente e felicidades. Alguns se encostaram pelo		
200	pouco espaço do terreiro. Outros se amontoaram nos barracos vizinhos, por onde		
201	rolavam a cachaça, a cerveja e o mais e mais. Quando a madrugada afirmou,		
202	Davenga mandou que todos se retirassem, recomendando aos companheiros que		
203	ficassem alertas. Ana estava feliz. Só Davenga mesmo para fazer aquilo. E ela, tão		
204	viciada na dor, fizera dos momentos que antecederam a alegria maior um		
205	profundo sofrimento. Davenga estava ali na cama vestido com aquela pele negra,		
206	brilhante, lisa que Deus lhe dera. Ela também, nua. Era tão bom ficar se tocando	Afetividade	
207	primeiro. Depois haveria o choro de Davenga, tão doloroso, tão profundo, que ela	Religiosidade	
208	ficava adiando o gozo-pranto. Já estavam para explodir um no outro, quando a		
209	porta abriu violentamente e dois policiais entraram de armas em punho.		Denúncia (Racismo institucional Necropolítica estatal)
210	Mandaram que Davenga se vestisse rápido e não bancasse o engraçadinho, porque		
211	barraco estava cercado. Outro policial do lado de fora empurrou a janela de		Denúncia (Racismo institucional Necropolítica estatal)
212	madeira. Uma metralhadora apontou para dentro de casa, bem na direção da		
213	cama, na mira de Ana Davenga. Ela se encolheu levando a mão na barriga,		
214	protegendo o filho, pequena semente, quase sonho ainda. Davenga vestiu a calça		
215	lentamente. Ele sabia estar vencido. E agora o que valia a vida? O que valia a		
216	morte? Ir para a prisão, nunca! A arma estava ali, debaixo da camisa que ele ia		
217	pegar agora. Poderia pegar as duas juntas. Sabia que este gesto significaria a		
218	morte. Se Ana sobrevivesse à guerra, quem sabe teria outro destino? De cabeça		
219	baixa, sem encarar os dois policiais à sua frente, Davenga pegou a camisa e desse		
220	gesto se ouviram muitos tiros. Os noticiários depois lamentavam a morte de um		
221	dos policiais de serviço. Na favela, os companheiros de Davenga choravam a		
222	morte do chefe e de Ana, que morreria ali na cama, metralhada, protegendo com	Cooperatividade	Denúncia (Racismo institucional)

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

223	as mãos um sonho de vida que ela trazia na barriga. Em uma garrafa de cerveja	Afetividade, Comunitarismo Religiosidade	Necropolítica estatal)
224	cheia de água, um botão de rosa, que Ana Davenga havia recebido de seu homem,		
225	na festa primeira de seu aniversário, vinte e sete, se abria.	Ludicidade Circularidade Oralidades	

Fonte: Evaristo (2018, p. 21-31)

Na cena do conto Ana Davenga, apesar de ser uma história de dor, de morte, até que chegue ao desfecho final, a autora nos envolve no amor, no afeto, no sonho e sentimentos dos personagens. “As batidas na porta ecoaram como um prenúncio de samba. O coração de Ana Davenga naquela quase meia-noite, tão aflito, apaziguou um pouco. Tudo era paz então, uma relativa paz. Deu um salto da cama e abriu a porta. Todos entraram, menos o seu.” (Evaristo, 2018, p. 21). Neste trecho notamos os valores civilizatórios: musicalidade, circularidade, corporalidade, religiosidade. As batidas na porta que prenuncia alegria ou tristeza; a roda de samba; a macumba; a celebração da vida ou da morte; as águas presentes nas lágrimas, no gozo, nas bebidas, no suor; os horários e datas minuciosamente escolhidos pela autora revelam também todo o cuidado que a autora tem ao construir sua narrativa literária, fundamento acumulados ao longo de sua vida, adquiridos pela **inforvivências**⁶ nas comunidades negras, específicas da cultura e modo de ver, sentir e cuidar da população negra.

Outra característica importante, que marca a escrita de Evaristo, é a humanidade dos personagens que a autora constrói na sua narrativa, a respeito dos corpos negros representados. É importante destacar esta característica na escrita da Evaristo, pois a autora retira de seus personagens os estereótipos negativos e pejorativos⁷ sobre o negro. Assim, em seu texto, o sujeito negro é uma pessoa que possui sentimentos, afetos, sonhos, esperança e desejo, mesmo com todas as adversidades.

A escrita, conforme dito por Evaristo, é mais uma das formas apropriadas, com finalidade específica, e compreender como ela se estrutura na literatura feminina negra, pode contribuir para OC, por um panorama cultural mais diversificado e inclusivo, seja nos espaços educacionais, culturais ou informacionais. Como bem diz Cordeiro (2023), a literatura feminina negra é fundamento.

⁶ Termo cunhado por Santos (2022) na sua dissertação de mestrado. Para saber mais acesse o Repositório Institucional da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

⁷ Não reproduziremos aqui tais termos, pois já são comunicados cotidianamente e historicamente em narrativas jornalísticas, além do que foi e continua sendo reproduzidas nas narrativas ficcionais escritas por autoras brancas.

5 CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS

Buscamos neste artigo responder à pergunta “O que podemos aprender com a literatura feminina negra para a Organização do Conhecimento?”. Ao analisar o conto Ana Davenga, da autora Evaristo (2018), elencamos e destacamos características de como as mulheres negras têm sido provedoras da OC. Além disso, percebemos que a escrita feminina negra da Evaristo, traz consigo cosmopercepções, conceitos e linguagens adquiridas durante sua vida em comunidades. No entanto, entendemos que os sentidos conceituais e as linguagens aplicadas por Evaristo no conto Ana Davenga, não são meras "correspondência" de conceitos, mas especialmente à sua capacidade de apoiar o que Hjørland (2022) destacou: Conceitos; Critérios para inclusão de classe; Significado; Indexação; Relações semânticas; Assuntos; Pontos de acesso do assunto (“SAPs”), dentre outras coisas. Salientamos que este estudo não se esgota neste artigo, pois ainda há muito o que se aprender com a literatura feminina negra para a área da CI. Além disso, ele faz parte de um projeto maior para constituição para uma tese de doutorado.

REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Gloria Evangelina. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880/9106>. Acesso em: 17 jan. 2025.

CORDEIRO, Hildália Fernandes Cunha. **Literatura Abèbè**: uma abordagem teórico-crítica e metodológica negrorreferenciada das obras O olho mais azul e Deus ajude essa criança de Toni Morrison. 2023. 138 f. Tese (Doutorado em Literatura e Cultura) — Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/37963>. Acesso em: 20 maio 2025.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivências**: a escrita de nós. Rio de Janeiro: Mina, 2020. p. 26-57. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrevivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf>. Acesso em: 20 maio 2025.

EVARISTO, Conceição. Ana Davenga. In: EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

HJØRLAND, Birger. Fundamentos da Organização do Conhecimento. Traduzido por: Sandra Rafaela Batista da Silva. **Perspectiva Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, v. 17, n. 1, p. 39-73, 2022. Título original: Classification. Knowledge Organization, Würzburg.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

SABBAG, Deise Maria Antônio. **O percurso gerativo de sentido aplicado à análise documental de textos narrativos de ficção**: perspectivas de utilização em bibliotecas universitárias. 2008. 137 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2008. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/03b162b0-af4a-4d80-ae4e-e2481aa65690>. Acesso em: 15 abr. 2025.

SANTOS, Eva Dayane Jesus dos. **Maniho'k**: informação e memória da Casa de farinha do Povoado Terreirão, Muniz Ferreira, Bahia. 2022. 169 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Ciência da Informação, Salvador. 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/36846>. Acesso em: 23 maio 2025.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Valores e referências afro- brasileiras. *In*: BRANDÃO, Ana Paula (coord). **Saberes e fazeres**: modos de interagir. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006. v. 3. Disponível em: https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2011/06/Caderno3_ModosDeInteragir.pdf. Acesso em: 17 ago. 2025.